



**COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO – COPESE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
VESTIBULAR 2011
PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Leia, com atenção, o texto abaixo (Texto I), para responder às questões de 01 a 04.

A identidade e a diferença: o poder de definir

A identidade e a diferença são o resultado de um processo de produção simbólica e discursiva. (...) A identidade, tal como a diferença, é uma relação social. Isso significa que sua definição - discursiva e lingüística - está sujeita a vetores de força, a relações de poder. Elas não são simplesmente definidas; elas são impostas. Não convivem harmoniosamente, lado a lado, em um campo sem hierarquias; são disputadas.

Não se trata, entretanto, apenas do fato de que a definição da identidade e a diferença seja objeto de disputa entre grupos sociais simetricamente situados relativamente ao poder. Na disputa pela identidade está envolvida uma disputa mais ampla por outros recursos simbólicos e materiais da sociedade. A afirmação da identidade e a enunciação da diferença traduzem o desejo dos diferentes grupos sociais, assimetricamente situados, de garantir o acesso privilegiado aos bens sociais. A identidade e a diferença estão, pois, em estreita conexão com relações de poder. O poder de definir a identidade e de marcar a diferença não pode ser separado das relações mais amplas de poder. A identidade e a diferença não são, nunca, inocentes.

Podemos dizer que onde existe diferenciação - ou seja, identidade e diferença - aí está presente o poder. A diferenciação é o processo central pelo qual a identidade e a diferença são produzidas. Há, entretanto, uma série de outros processos que traduzem essa diferenciação ou que com ela guardam uma estreita relação. São outras tantas marcas da presença do poder: incluir/excluir ("estes pertencem, aqueles não"); demarcar fronteiras ("nós" e "eles"); classificar ("bons e maus"; "puros e impuros"; "desenvolvidos e primitivos"; "racionais e irracionais"); normalizar ("nós somos normais; eles são anormais").

A afirmação da identidade e a marcação da diferença implicam, sempre, as operações de incluir e de excluir. Como vimos, dizer "o que somos" significa também dizer "o que não somos". A identidade e a diferença se traduzem, assim, em declarações sobre quem pertence e sobre quem não pertence, sobre quem está incluído e quem está excluído.

Afirmar a identidade significa demarcar fronteiras, significa fazer distinções entre o que fica dentro e o que fica fora. A identidade está sempre ligada a uma forte separação entre "nós" e "eles". Essa demarcação de fronteiras, essa separação e distinção, supõem e, ao mesmo tempo, afirmam e reafirmam relações de poder. (...) Os pronomes "nós" e "eles" não são, aqui, simples categorias gramaticais, mas evidentes indicadores de posições-de-sujeito fortemente marcadas por relações de poder: dividir o mundo social entre "nós" e "eles" significa classificar. O processo de classificação é central na vida social.

Ele pode ser entendido como um ato de significação pelo qual dividimos e ordenamos o mundo social em grupos, em classes. A identidade e a diferença estão estreitamente relacionadas às formas pelas quais a sociedade produz e utiliza classificações. As classificações são sempre feitas a partir do ponto de vista da identidade. Isto é, as classes nas quais o mundo social é dividido não são simples agrupamentos simétricos. Dividir e classificar significa, neste caso, também hierarquizar. Deter o privilégio de classificar significa também deter o privilégio de atribuir diferentes valores aos grupos assim classificados.

CONTINUA



COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO – COPESE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
VESTIBULAR 2011
PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

A mais importante forma de classificação é aquela que se estrutura em torno de oposições binárias, isto é, em torno de duas classes polarizadas. O filósofo francês Jacques Derrida analisou detalhadamente esse processo. Para ele, as oposições binárias não expressam uma simples divisão do mundo em duas classes simétricas: em uma oposição binária, um dos termos é sempre privilegiado, recebendo um valor positivo, enquanto o outro recebe uma carga negativa. "Nós" e "eles", por exemplo, constitui uma típica oposição binária: não é preciso dizer qual termo é, aqui, privilegiado. As relações de identidade e diferença ordenam-se, todas, em torno de oposições binárias: masculino/feminino, branco/negro, heterossexual/homossexual. Questionar a identidade e a diferença como relações de poder significa problematizar os binarismos em torno dos quais elas se organizam.

Fixar uma determinada identidade como a norma é uma das formas privilegiadas de hierarquização das identidades e das diferenças. A normalização é um dos processos mais sutis pelos quais o poder se manifesta no campo da identidade e da diferença. Normalizar significa eleger - arbitrariamente - uma identidade específica como o parâmetro em relação ao qual as outras identidades são avaliadas e hierarquizadas. Normalizar significa atribuir a essa identidade todas as características positivas possíveis, em relação às quais as outras identidades só podem ser avaliadas de forma negativa. A identidade normal é "natural", desejável, única. A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como uma identidade, mas simplesmente como a identidade. Paradoxalmente, são as outras identidades que são marcadas como tais. Numa sociedade em que impera a supremacia branca, por exemplo, "ser branco" não é considerado uma identidade étnica ou racial. Num mundo governado pela hegemonia cultural estadunidense, "étnica" é a música ou a comida dos outros países. É a sexualidade homossexual que é "sexualizada", não a heterossexual. A força homogeneizadora da identidade normal é diretamente proporcional à sua invisibilidade.

Na medida em que é uma operação de diferenciação, de produção de diferença, o anormal é inteiramente constitutivo do normal. Assim como a definição da identidade depende da diferença, a definição do normal depende da definição do anormal. Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do "dentro". A definição daquilo que é considerado aceitável, desejável, natural é inteiramente dependente da definição daquilo que é considerado abjeto, rejeitável, antinatural. A identidade hegemônica é permanentemente assombrada pelo seu Outro, sem cuja existência ela não faria sentido. Como sabemos desde o início, a diferença é parte ativa da formação da identidade.

SILVA, Tomaz Tadeu. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu (org. e trad.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73-75.
http://ead.uces.br/orientador/turmaA/Acervo/web_F/web_H/file.2007-09-10.5492799236.pdf



**COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO – COPESE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
VESTIBULAR 2011
PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Questão 1: O autor explica que as relações identitárias são binárias. Por que ele considera que essa forma de análise é problemática? Justifique sua resposta com base no texto.

Para o autor, as oposições binárias criam classes assimétricas, privilegiando um dos lados da polarização. O grande problema dessa análise está em se considerar “normal” o que pertence à identidade dos grupos hegemônicos, criando estigmas, preconceitos e, conseqüentemente, a exclusão de alguns grupos, como negros, mulheres, homossexuais, etc

Questão 2: Releia o trecho:

“Aquilo que é deixado de fora é sempre parte da definição e da constituição do ‘dentro’”.(último parágrafo)

Justifique a afirmativa acima, empregando para isso outras informações do texto.

O processo de atribuição de identidade se faz com base na consideração da diferença, em especial por meio de distinções binárias, como “bons e maus”, “puros e impuros”, “normais e anormais”. Assim, a afirmativa acima se justifica, na medida em que uma categoria (o dentro) se define pelo seu oposto (o fora).



COMISSÃO PERMANENTE DE SELEÇÃO – COPESE
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO – PROGRAD
VESTIBULAR 2011
PROVA DE LÍNGUA PORTUGUESA

Questão 3: Leia novamente:

“A força da identidade normal é tal que ela nem sequer é vista como **uma** identidade, mas simplesmente como **a** identidade”. (penúltimo parágrafo)

No trecho destacado, qual é o efeito de sentido determinado pelo uso dos artigos indefinido e definido acima negritados?

O artigo indefinido transmite a ideia de pluralidade, abrindo a possibilidade de a identidade normal ser entendida como uma dentre outras identidades (uma parte do todo). Já o artigo definido impõe a ideia de singularidade, de tal modo que a identidade normal é caracterizada como um padrão único e “natural”.

Questão 4: Releia o trecho:

“A identidade e a diferença estão, **pois**, em estreita conexão com relações de poder”. (2º parágrafo)

a) Explique o trecho acima, tomando como base o termo destacado.

As relações de poder prevalentes na sociedade demarcam a identidade dos grupos sociais, discriminando privilegiados e excluídos (2,5)

b) Reescreva o trecho, substituindo o termo destacado por um outro marcador discursivo que mantenha a relação sintático-semântica por ele estabelecida.

A identidade e a diferença estão, portanto/por conseqüência/dessa forma/assim.... em estreita conexão com relações de poder (2,5)

Leia, com atenção, o texto abaixo (Texto II).



Publicidade institucional para uma empresa de publicidade (modificada).
<http://arlenpontes.blogspot.com/>

Questão 5: O Texto I trata da separação entre “ nós” e “ eles”. Como se pode analisar a distinção entre “você” e “nós” no contexto da peça publicitária acima (Texto II)?

Os termos “você” e “nós” no texto publicitário não estabelecem uma oposição binária e não há relação de poder entre eles, diferentemente do Texto I, em que os termos “nós” e “eles” indicam uma distinção hierárquica.